

Jovens cegos são alvo de bullying em aulas de educação física, aponta tese

Alunos de escolas públicas têm participação limitada e ficam isolados em atividades

RAQUEL DO CARMO SANTOS
kel@unicamp.br

A professora de educação física Maria Luiza Tanure Alves não esperava encontrar relatos de bullying tão impressionantes tendo como vítimas adolescentes cegos que frequentavam as aulas de educação física nos ensinos fundamental e médio em São Paulo. “As brincadeiras e zombarias envolvendo as características físicas são frequentes. São comuns, também, exemplos, frases do tipo ‘que horas são?’ ou ‘está vendo tal coisa?’. Enfim, não tinha conhecimento de que este tipo de aluno sofria tanto com os comentários dos colegas na escola”, destaca Maria Luiza. Ela fez entrevistas com oito alunos deficientes visuais provenientes de diferentes escolas da capital paulista com o objetivo de analisar o processo de inclusão destes estudantes na escola pública e acabou descobrindo que o bullying também é um aspecto que merece atenção.

Os voluntários do estudo tinham entre 13 e 18 anos. Todos desenvolviam alguma atividade na Associação Brasileira de Assistência ao Deficiente Visual - Laramara, em São Paulo, entidade voltada para o apoio ao desenvolvimento humano e inclusão dos deficientes e seus familiares. Na escola regular, no entanto, a história era diferente. A pesquisa mostrou que esses alunos não se sentiam incluídos durante as aulas de edu-



Fotos: Antonio Scarpinetti
Aula de educação física em escola pública: para autora do estudo, atuação de professores merece ser analisada

cação física, pois tinham participação limitada nas atividades e se mantinham isolados do grupo.

“A realidade vivenciada por eles é muito difícil. Se sentem isolados e são mantidos sentados nos cantos das quadras sem qualquer tipo de atividade ou interação com os colegas. Teve um caso de aluna que permaneceu em um canto de uma quadra descoberta até acabar o período da aula, aproximadamente 50 minutos”, relata.

A pesquisa de doutorado foi defendida na Faculdade de Educação Física (FEF) e teve a orientação do professor Edison Duarte. Segundo apurou Luiza Tanure, os professores de educação física têm papel fundamental no processo de inclusão dos alunos com deficiência, principalmente em se tratando de uma das disciplinas com maior possibilidade de interação, como é o caso da educação física, pela própria natureza da prática. É

preciso, explica ela, que o professor tenha uma formação qualificada para que seja atuante no processo de interação social do aluno cego nas aulas.

“Tanto a participação como a interação são aspectos indissolúveis e essenciais. Percebi que existe um círculo vicioso no sistema, uma vez que os alunos não são chamados a participar das aulas e, por conseguinte, não conseguem interagir com a turma. O professor acaba excluindo o aluno do processo quando não oferece a oportunidade de participação no contexto da aula”, esclarece. Na percepção dos deficientes, o professor é quem teria a voz ativa e poderia de alguma forma envolvê-los no processo para estimular a interação com os colegas.

A professora defende que a inclusão se refere à educação de qualidade para alunos com deficiência no sistema regular de ensino. O estudo desenvolvido na FEF aponta,

justamente, a concepção e a percepção de inclusão que o aluno com deficiência visual tem nas aulas de educação física. Por isso, as questões do bullying e do papel fundamental do professor chamaram tanta a atenção da pesquisadora no trabalho. “Não tinha ideia de que a atuação do professor precisava de uma análise e uma mudança radical de mentalidade”, avalia. O fato de colocar o aluno em sala de aula não é o suficiente para que o mesmo se sinta incluído no contexto escolar.

Outra questão demonstrada na pesquisa e que merece destaque na opinião de Luiza Tanure seria em relação à aceitação por parte dos colegas. Este aspecto também é fator fundamental para a exclusão do aluno com deficiência visual da escola. Neste caso, Maria Luiza acredita que deveria ocorrer o envolvimento dos pais, pois muitas das situações se referem à educação recebida em casa. “Durante a pesquisa foi observado que alguns fatores familiares interferem na questão da aceitação das diferenças em sala de aula. O professor tem dificuldades para realizar uma intervenção mais pontual neste aspecto”, analisa.

Na opinião da pesquisadora, que durante sete anos atuou como professora em escolas públicas, as políticas públicas devem ter como foco a preparação profissional contínua e de qualidade, mas também um trabalho social com mudança de valores para a aceitação da deficiência.

Publicação

Tese: “O aluno com deficiência visual nas aulas de Educação Física: análise do processo inclusivo”

Autora: Maria Luiza Tanure Alves

Orientador: Edison Duarte

Unidade: Faculdade de Educação Física (FEF)

Método avalia desgaste de sinalização

ISABEL GARDENAL
bel@unicamp.br

O pesquisador da Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo (FEC) Fernando Augusto Baptistini Pestana validou um método visual com potencial de aplicação ao sistema viário para avaliar desgaste da sinalização urbana. Testado por usuários do sistema e técnicos, mostrou-se factível e com ganhos na predição do momento em que deve haver repintura. O estudo foi feito na cidade de Sumaré.

A metodologia consistiu em aplicar faixas de pintura de três tipos de tintas em nove pontos, escolhidos conforme as variações nas características das vias e fluxo de tráfego. Foram colhidas imagens das faixas e elaborado um banco de dados.

Essas imagens foram submetidas ao critério testado – uma adaptação do Design Manual for Roads and Bridges –, procedimento usado no Reino Unido. Foram classificadas visualmente de 0 a 5, onde 0 significava ausência total de sinalização e 5 sinalização

nova. Os resultados foram comparados.

O método buscou apresentar um padrão visual que definisse o momento da repintura, trazendo uma ferramenta para balizamento, já que não há norma da ABNT que contemple parâmetros a essa definição.

A avaliação da sinalização em geral é feita visualmente, tornando-a muito subjetiva aos critérios do observador. Em outros países, há grande variação de quesitos e cada organismo de trânsito tem um método no momento da repintura.

Alguns baseiam-se na visibilidade noturna (retrorefletividade), outros na diurna (percentual de pintura remanescente sobre o pavimento) e outros ainda em ambos. Pestana pretendia oferecer uma ferramenta aos municípios de fácil análise do estado da sinalização. As avaliações foram feitas de 2004 a 2006 e adentraram 2011.

Em função dessas informações, o autor da tese propôs esse método para um caso real de controle de durabilidade da sinalização urbana em diferentes lugares da cidade, mormente os que se mostraram mais frágeis.

Orientado pelo professor da FEC Cássio Eduardo de Paiva, escolheu Sumaré por se enquadrar bem nas condições de entorno para o qual havia sido planejado o estudo e por ter atuado naquela Prefeitura até 2004, o que facilitou algumas necessidades do experimento de campo, como o procedimento de bloqueio momentâneo do trânsito.

O pesquisador viu claramente variações na durabilidade da sinalização e que elas decorreram das características físicas das vias (locais em aclive, declive, plano, tangente, curva) e do fluxo de tráfego (locais com aceleração, desaceleração, frenagem, tráfego de veículos leves ou pesados).

Notou ainda que as tintas tinham diferente durabilidade e que determinadas condições físicas contribuíram para o seu desgaste mais prematuro. “Em trechos contendo curva e aclive, a sinalização desgastou mais rapidamente do que em trechos planos e reto”, conta ele.

INVESTIGAÇÃO

De acordo com Pestana, a pesquisa foi motivada pela observação de que os municípios brasileiros, a priori os de pequeno e de médio porte, não possuíam equipe técnica especializada e nem ferramentas para realizar o correto gerenciamento da sinalização horizontal urbana.

Trata-se de uma situação indesejável no mundo todo, já que esse tipo de sinalização se presta justamente a orientar os usuários das vias (motoristas, motociclistas, ciclistas e pedestres) a terem comportamentos que aumentem a sua segurança pessoal e a fluidez do trânsito, ordenando o fluxo de tráfego.

Geralmente, é de se esperar que a sinalização esteja sempre em boas condições, e ela é pintada com determinadas cores para fazer uma advertência. Ocorre que a sua duração está muito sujeita à intensidade do tráfego, e a sua visibilidade pode ser prejudicada por situações como pista molhada ou muito suja.

Por isso, reflete ele, é preciso que haja re-

aplicação da pintura nos locais aos primeiros “sintomas” de desgaste. O ideal é que a marcação seja feita com tinta refletiva para ajudar os condutores na visualização à noite.

Pestana pondera que a manutenção preditiva é o ideal (previsão de quanto tempo a sinalização duraria sob ação do tráfego), mas isso ainda não é possível de ser previsto com o método proposto. “Mostramos um parâmetro para identificar o momento da repintura e os elementos que podem afetar a durabilidade da pintura.”

Por outro lado, o estudo sugeriu uma preocupação dos órgãos de transporte de Sumaré para obter materiais de sinalização com uma maior vida útil, apesar da carência de estudos que avaliam a durabilidade de sinalização quando submetida a vários tipos de solicitação do tráfego urbano.

Num trajeto, há uma série de obstáculos resultantes da sinalização horizontal aplicada àquele meio urbano. É o caso de uma sinalização inadequada e que gera gastos desnecessários quando se usam materiais mal-especificados.

Pestana aconselha que se busquem materiais de maior durabilidade para locais de maiores desgastes e materiais de menor custo (e de menor durabilidade) para locais de menores desgastes. “Lamentavelmente ainda falta estrutura e conhecimento técnico sobre o dimensionamento da sinalização horizontal em meio urbano.”

Publicação

Tese: “Avaliação visual do desgaste da sinalização horizontal urbana em um município de médio porte”

Autor: Fernando Augusto Baptistini Pestana

Orientador: Cássio Eduardo Lima de Paiva

Unidade: Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo (FEC)



Faixa de pedestres: validado, método visual tem potencial de aplicação ao sistema viário